

## SIMPÓSIO AT195

### CONTANDO, LENDO E (RE)ESCREVENDO LENDAS URBANAS: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DE 7º ANO NOTURNO

SILVA, Valdison Ribeiro  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)  
valdisonribeiro@yahoo.com.br

CASADO ALVES, Maria da Penha  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)  
penhalves@msn.com

**Resumo:** Sabemos da dificuldade enfrentada pelos alunos quando é solicitada deles uma escrita autoral. Sabemos também que o ensino de Língua Portuguesa tem como uma de suas finalidades fazer com que os alunos desenvolvam e ampliem seus saberes linguísticos/discursivos a fim de usá-los de maneira adequada nas situações de convívio social de forma crítica e posicionada. Por isso, pautados nas teorizações do Círculo de Bakhtin que entende a linguagem como constitutiva do sujeito e que se realiza por meio de enunciados concretos que emergem das/nas situações de enunciação, propomo-nos a apresentar um trabalho, por meio de um protótipo didático, como trata Rojo (2012), baseado em um ciclo de oito oficinas com o gênero lenda urbana em uma turma de 7º ano da Escola Estadual Padre João Maria, situada à Zona Norte de Natal/RN. Esse trabalho se insere na pesquisa qualitativa-interpretativista e se configura como intervencionista no âmbito do Mestrado Profissional em Letras-ProfLetras. Para tanto, temos como produto final deste trabalho um caderno teórico com o embasamento que fundamentou nossas ações, um Protótipo Didático com a descrição das oito oficinas e um livro ilustrado contendo as produções escritas dos alunos. Tal perspectiva permite compreender a nossa pesquisa como construída no processo com sujeitos constituídos historicamente e a escola como espaço de formação situada para aqueles que nela atuam.

**Palavras-chave:** Ensino de Língua Portuguesa; Leitura; Escrita; Gêneros discursivos; Lenda Urbana.

**Abstract:** We know of the difficulty faced by the students when they are asked for an authorial writing. We also know that the purpose of Portuguese language teaching is to enable students to develop and expand their linguistic / discursive knowledge in order to use them appropriately in situations of social interaction in a critical and positioned way. Therefore, based on Bakhtin's Circle theorizations that understand language as constitutive of the subject and that is realized through concrete statements that emerge

from the situations of enunciation, we propose to present a work, through a didactic prototype, as is discussed in Rojo (2012), based on a cycle of eight workshops with the genre urban legend in a 7th grade class of the Padre João Maria State School, located in the Northern Zone of Natal / RN. This work is inserted in the qualitative-interpretative research and is configured as an interventionist in the scope of the Professional Masters in Letters-ProfLetras. For that, we have as final product of this work a theoretical book with the foundation that based our actions, a Didactic Prototype with the description of the eight workshops and an illustrated book containing the written productions of the students. This perspective allows us to understand our research as constructed in the process with historically constituted subjects and the school as a space of formation situated for those who work in it..

**Keywords:** Teaching Portuguese Language; Reading; Writing; Discursive genres; Urban legend.

## Introdução

Em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n 23º 9.394/1996), mostra-se fundamental o trabalho em sala de aula com a leitura e a escrita, e corroboramos, com isso, a necessidade de oferta da maior diversidade de gêneros discursivos aos alunos, oportunizando a eles um maior desenvolvimento da competência genérica e permitindo o contato com uma grande variedade de modos de uso da linguagem.

Levando em consideração que é por meio da linguagem que o homem se constitui como tal, trabalhar com os gêneros discursivos pressupõe fornecer ferramentas que aprimorem as capacidades de o aluno enxergar o mundo a sua volta, levando-o à reflexão e à responsividade frente ao que se apresenta por meio dos diversos textos que o circundam, elegemos o gênero lenda urbana para alicerçar nossas ações.

Baseados nos pressupostos teóricos de Bakhtin (2003) e Volóchinov (2017), os quais implicam um sujeito ativo e responsivo, atuante em seu meio social por meio da linguagem e, embasados, ainda, na teorização de Bakhtin (2003) acerca de cronotopo, onde o tempo e o espaço estão juntos e são indissociáveis, propomo-nos a desenvolver este trabalho fundamentados na concepção dialógica da linguagem.

Somado a isso, nos ancoramos, também, na teorização de Rojo e Barbosa (2015) que versa sobre a conceituação de gêneros discursivos e na teorização de Garcez (1998 & 2001), a qual trata sobre os saberes necessários para se escrever bem e da intervenção do outro no processo de produção escritural. Assim, propomo-nos a apresentar um trabalho com Protótipo Didático, como trata Rojo (2012), pautado em oito oficinas de leitura e de escrita partindo de atividades com o gênero Lenda Urbana com a finalidade de buscara a ampliação dos saberes linguísticos/discursivos de alunos de um 7º ano da Escola Estadual Padre João Maria, saberes estes necessários à proficiência no âmbito de leitura e escrita.

## **1 Fundamentação teórica**

### **1.1 A linguagem em perspectiva dialógica**

Com base em Volóchinov (2017), acreditamos haver uma certa dificuldade em se trabalhar leitura e escrita quando se determina a linguagem como um objeto de estudo, pois, quando se tem como objeto de pesquisa e análise a linguagem, o que teremos como instrumento de mensuração é o ouvido, onde as palavras são escutadas por meio da captação das ondas sonoras, mas a linguagem é ouvida, ou seja, seus sentidos são apreendidos por meio de um processamento mais complexo, o qual envolve muitos mecanismos, a saber, históricos e sociais, individuais e coletivos.

A linguagem, na concepção dialógica, constitui o homem e é por meio dela que o homem se define, namora, casa, conversa, vive. A linguagem, para Bakhtin, não é um ato individual, mas sim social, o que deixa evidente a constitutividade interativa desse processo e seu caráter dialógico, sendo, portanto, necessário se levar em consideração, além dos diferentes atores sociais, o caráter interacional que está presente entre textos e discursos presente na sociedade.

## 1.2 O gênero discursivo

O gênero discursivo se realiza em texto e, segundo Bakhtin (2003), cada sociedade apresenta esses enunciados relativamente estáveis, os quais possuem sua diversidade e heterogeneidade mantida pelas constantes relações entre gêneros e as diversas formas de organização do discurso do sujeito, que pode mesclá-los consoante à sua necessidade comunicativa intencional.

Bakhtin (2003) afirma que os falantes de qualquer língua materna não criam a todo tempo os gêneros, embora respeitem um caráter normativo que foi se formando social e historicamente e por meio das constantes contribuições dos sujeitos para a forma do gênero.

Segundo Garcez (1998) e a concepção bakhtiniana, o outro tem um papel fundamental na formação do eu-autor, ele modela, até certo ponto, o dizer do eu no processo de interação verbal. O escritor pode, ainda, ter seu texto alterado de forma mais incisiva quando o outro pode opinar e sugerir sobre o texto do eu-autor.

Para Bakhtin, é possível perceber que os gêneros discursivos se diferenciam um do outro pelo conteúdo temático, pelo estilo e pela construção composicional peculiares.

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p.261)

Cada gênero discursivo pressupõe um lugar e um tempo legítimo para ser enunciado e recebido pelo leitor/ouvinte, portanto, o lugar onde o leitor/ouvinte tem acesso ao gênero é, muitas vezes, fundamental para que ele possa compreender sua estruturação e a forma de sua recepção.

De acordo com Rojo e Barbosa (2015), “todas as nossas falas, sejam cotidianas ou formais, estão articuladas em um gênero do discurso” que torna

possível a comunicação e que é por meio do conhecimento dessa diversidade que nos entendemos.

### 1.3 O gênero Lenda Urbana

As lendas urbanas, sendo histórias contadas de geração a geração, fazem parte de nosso repertório sociocultural fornecendo uma gama de tramas que amedronta e suscita o terror naqueles que as ouvem/leem. Elas se apresentam aos indivíduos de formas variadas, podendo ser veiculadas pela mídia televisiva, por sites da internet, redes sociais, por livros, pela mídia impressa e, sobretudo, oralmente por pessoas mais velhas em quem confiamos ou não. Essas pessoas, geralmente, dizem que ouviram de um amigo de um amigo, como podemos ver a seguir:

[...] são histórias que envolvem elementos ou situações banais do cotidiano, mas que por seu caráter inusitado, ou em muitos casos absurdo, provavelmente não aconteceram. No entanto, são contadas como se tivessem de fato acontecido, não diretamente a seus narradores, mas a alguém por eles conhecido ou a eles ligado. (LOPES, 2008)

As lendas urbanas são de sequência narrativa e fruto da reelaboração de velhos enredos de cunho resultante da experiência social combinadas à ficção de forma bem variada, permitindo assim o surgimento de diversas mesclas de acontecimentos enunciativos dentro de uma mesma estrutura mais ou menos estável e de fácil reconhecimento.

## 2 Metodologia

Esse trabalho tem um cunho histórico-cultural, pois os pressupostos teóricos que orientam as ações são os de Bakhtin e de seu círculo. Sendo, dessa forma, incoerente falar de ações que envolvem a linguagem e os sujeitos e não levem em consideração a historicidade constitutiva dos indivíduos e a cultura que os cerca.

Essa pesquisa é do tipo pesquisa-intervenção, haja vista que esse tipo de trabalho pressupõe não apenas o processo de descrição da realidade, mas

também está preocupada em explicá-la supondo, dessa maneira, um intervir na realidade dos envolvidos.

Partimos, para tanto, de uma metodologia baseada no desenvolvimento de um Protótipo Didático que forneça a qualquer professor um arsenal de propostas que seja factíveis de alterações e adequações à diversidade contextual das escolas de nosso município, estado e país, sendo, portanto, possíveis de serem realizados com êxito em qualquer espaço educacional.

Rojo (2012) conceitua protótipos como “estruturas flexíveis e vazadas que permitem modificações por parte daqueles que queiram utilizá-las em outros contextos que não o das propostas iniciais”, por isso, observamos como importante metodologicamente trabalhar com um protótipo, o qual foi realizados através de oito oficinas, que ocorreram no tempo de dezenove aulas.

### 3 Protótipo didático

O protótipo foi realizado por intermédio de oito oficinas que vislumbraram o desenvolvimento de ações envolvendo a leitura e a escrita, a releitura e a reescrita com a finalidade do desenvolvimento linguístico e discursivo dos alunos, e, quando pensamos em elaborar essa proposta, objetivamos sugerir mais uma ferramenta que pudesse ser utilizada pelos professores de língua materna com o intuito de contribuir e subsidiá-los em sua prática docente.

A tabela a seguir sintetiza as oficinas que compõem o Protótipo Didático desenvolvido:

Figura 1: tabela com as oficinas propostas.

PROTÓTIPO DIDÁTICO				
Oficinas	Objetivo	Metodologia	Duração	Materiais utilizados
<b>Relembrar é viver de novo</b> (Oficina 01)	Levar os alunos à curiosidade e à posterior pesquisa de textos que versassem sobre a temática do terror/fantástico.	Jogo da memória e questionário	Duas aulas (1h e 20min.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>10 exemplares de lendas urbanas e 10 imagens impressas de personagens ou cenas que remetessem a lendas selecionadas</li> <li>Canetas e folhas de ofício</li> </ul>
<b>Quem conta um conto?</b> (Oficina 02)	Fazer o aluno adentrar o mundo fantasmagórico.	Contação de lendas em sala ambientada.	Duas aulas (1h e 20min.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>20 metros de tecido de TNT preto</li> <li>6 velas azuis e brancas</li> <li>Um gravador ou um computador com caixa amplificadora de som acoplada</li> </ul>
<b>Começará a sessão, peguem a pipoca</b> (Oficina 03)	Fazer os alunos perceberem como ocorrem as caracterizações dos ambientes nos quais ocorrem os fatos que dão pano de fundo para as lendas	Sessão de filme	Três aulas (2h)	<ul style="list-style-type: none"> <li>TV</li> <li>Caixa amplificadora de som</li> <li>Pipoca</li> <li>Refrigerantes</li> <li>Internet</li> </ul>



<b>Ler é viajar sem sair do lugar</b> (Oficina 04)	Ofertar aos alunos a possibilidade de contato com exemplares prototípicos do gênero lenda urbana, suscitando um olhar comparativo desses discentes quanto ao que há de comum entre os textos lidos.	Leitura de Textos e vídeos do quadro “Câmeras escondidas”, do Programa Sílvio Santos, e do quadro “Histórias que o povo conta”, do Programa do Ratinho.	Três aulas (2h)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Netflix Streaming</li> <li>• Datashow</li> <li>• Lendas urbanas impressas</li> <li>• Notebook</li> <li>• Internet</li> </ul>
<b>Dialogando sobre a estrutura prototípica do gênero</b> (Oficina 05)	Sistematizar, juntamente com os alunos, os elementos que compõem o gênero lenda urbana e leva-los a discutir, comentar e conhecer as condições de produção e de circulação do gênero discursivo escolhido	Aula expositiva dialogada com o auxílio de material em PowerPoint.	Dois aulas (1h e 20min)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Datashow</li> <li>• Notebook</li> </ul>
<b>Escrever é desvendar o oceano dos discursos</b> (Oficina 06)	Estimular os alunos a escreverem a primeira versão de suas lendas urbanas.	Aula expositiva dialogada com proposta de produção textual	Dois aulas (1h e 20min)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro branco</li> <li>• Pincel anatômico e apagador para quadro branco</li> <li>• Folhas de papel ofício branco</li> </ul>
<b>Reescrever é preciso</b> (Oficina 07)	Fazer os alunos perceberem as possíveis inadequações presentes e o que figurava como positivo em seus textos.	Orientações individuais	Dois aulas (1h e 20min)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Folhas de papel ofício branco</li> </ul>
<b>O que é bonito é para se mostrar</b> (Oficina 08)	Expor à escola os textos produzidos pelos alunos em ambiente decorado.	Mostra de textos	Três aulas (2h)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Materiais diversos para a decoração, sonoplastia e iluminação.</li> </ul>

Fonte: dados gerados pelo autor da pesquisa.

## Considerações finais

Cumprindo os objetivos elencados no início da pesquisa, conseguimos alcançar êxito no que concerne à organização de um Protótipo Didático munido de oficinas de cunho teórico-metodológico que aproximaram os alunos de sua realidade por intermédio do gênero lenda urbana o que, por intermédio de cada oficina contribuiu para o aprimoramento das habilidades linguístico-discursivas dos envolvidos levando-os à reflexão acerca de seu projeto de dizer, o que pôde ser constatado ao longo das oficinas e nas lendas produzidas por cada aluno.

E, por meio de nossa pesquisa-intervenção, pudemos constatar que os alunos se interessam e participam mais das aulas de Língua Portuguesa quando se deparam com novas abordagens e maneiras diferentes de trabalhar conteúdos que soam a eles como difíceis e enfadonhos.

Cumprindo, ainda, um dos objetivos da pesquisa, elaboramos um caderno contendo o embasamento teórico de todas as ações efetivadas, e um protótipo didático, contendo o relato das atividades desenvolvidas em cada oficina, além de propostas didáticas direcionadas à utilização posterior de professores que se interessem pela temática abordada.

Somado a isso, alcançamos o objetivo de elaborar um volume contendo as produções escritas dos alunos. Essas lendas foram reunidas e ilustradas em um livro.

Percebemos que os alunos participantes assumiram uma postura consciente quanto à necessidade do outro no processo de escritura e de leitura e que tivemos um enriquecimento da competência leitora do aluno

Finalmente, deixamos, ao término das oficinas, bem claro para os estudantes que o texto sempre ocupa um lugar de incompletude e inacabamento, onde, sempre que retornamos, alteramos, modificamos e acrescentamos algo que nos parece aprimorar nosso projeto de dizer a fim de fazer cumprir o objetivo estabelecido a priori e alcançar o outro para o(s) qual(is) destinamos o nosso texto.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Brasil, **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: [http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf). Acesso em: 12 dez. 2018.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Técnicas de redação: o que é preciso para saber escrever bem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

LOPES, Carlos Renato. Em busca do gênero lenda urbana. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, v. 8, n. 2, p. 373-393, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v8n2/09.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Multiletramentos na escola** / Roxane Rojo, Eduardo Moura [orgs.]. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_.; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

VOLOCHINOV, Valentin, **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do modelo sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.